



O nome e suas margens: de Ezra a Émile¹

Le pré-nom et ses marges: d'Ezra à Émile

Irène Fenoglioⁱ
Centre National de la Recherche Scientifique

Tradutores:
Fatiha Dechicha Paraybaⁱⁱ
Universidade Federal de Pernambuco

Clemilton Lopes Pinheiroⁱⁱⁱ
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Não, não se torne o que você é. O que individualiza é o nome próprio, ou seja, a linguagem na qual acontece, ou seja, o controle social através da voz interiorizada [...]

Não se torne *auto*. Não se torne igual a si. Não se torne um *idem*. Porque *idem* não é *ipse*. Não se torne você mesmo, mas se torne o *si*, o *self*, o objeto sagrado íntimo, a parte incommunicável, o antes.
Pascal Quignard²

Milner (2002, p. 87) nota que "a biografia de Émile Benveniste (1902-1976) atravessa várias camadas da história francesa do século XX: as comunidades judaicas da Europa, a Escola Linguística de Paris, o estruturalismo, o declínio das instituições intelectuais de língua francesa". O fim da vida de Benveniste foi, no mínimo, difícil e trágico: sete longos anos de paralisia e afasia.

¹ Texto originalmente publicado em francês no livro *Autour d'Émile Benveniste* (FENOGLIO, COQUET, KRISTEVA, MALAMOUD, QUIGNARD, 2016), p. 329-386. A permissão para a tradução para o português foi dada pela autora, por e-mail.

² Quignard (2011, p. 59-60)

Esse profícuo, mas demasiado curto, percurso foi descrito em certa medida. Podemos citar Georges Redard³ e Françoise Bader⁴. Entre os seus colegas, esse percurso foi objeto de muito respeito, silêncio, e, infelizmente, às vezes, também, de desdém. Essa atitude pode ser qualificada de antissemita, como por André Martinet⁵, ou, como veremos mais adiante, por Edmond Faral.

Diante dos esboços biográficos e de todos os arquivos e manuscritos (lembro que Benveniste se deu ao trabalho de escrever um testamento a fim de confiá-los à *Bibliothèque Nationale de France* – BnF (Biblioteca Nacional da França), deixando, de certa forma, a Georges Redard, a tarefa de realizar o depósito)⁶, diante dessa massa de documentos, achei que era importante hoje exumar aqueles que delineiam certos eventos de sua vida. Para entender o conteúdo desses documentos da BnF, mas também do *Collège de France*, consultei outros documentos de outras instituições: a Alliance Israélite Universelle - AIU (Aliança Israelista Universal), o *Séminaire Israélite de France* – SIF (Seminário Israelista da França), o *Consistoire Israélite de Paris-Île de France* (Consistório Israelista de Paris-Île de France)⁷.

A busca, tanto quanto possível até o momento, que pude realizar na documentação existente e junto às instituições que acabei de mencionar, lança uma nova luz sobre a infância e a adolescência de Benveniste e o caminho que percorreu. Alguns elementos vão inclusive na contramão do que já foi apresentado sobre ele (em especial, no que diz respeito ao lugar do pai, que parecia invisível, mas que se mostra muito mais presente e ativo com seus filhos). Nós entendemos por bem deixar as coisas como estão. O livro que organizamos (FENOGLIO,

³ Georges Redard iniciou uma biografia de Benveniste, cujas notas preparatórias e texto inacabado estão na coleção Benveniste no *Collège de France*. A maior parte desse texto foi publicada como um apêndice de *Dernières leçons d'Émile Benveniste*. (BENVENISTE, 2012, p. 149-174).

⁴ Françoise Bader escreveu um texto biográfico sobre Benveniste, cuja versão datilografada também pode ser encontrada na coleção Benveniste no *Collège de France*. Uma parte desse texto está publicada em Bader (1999).

⁵ Em *Mémoires d'un linguiste*, Martinet (1993), após uma série de frases como "Digamos que os judeus formam uma franco-maçonaria. Os franceses de Nova Iorque...", "essa forma judaica de pensar..." "Os judeus se compreendem melhor entre si do que com os não judeus". "Justamente, Benveniste era judeu e era muito sintomático: suas reações eram marcadas por esse mesmo gosto da especulação voluntária desvinculada do concreto. ... é de fato esse passado judaico que se manifesta...". Essas frases parecem ainda mais violentas porque foram ditas friamente, em 1982-1983 (publicadas em 1993), após a morte de Benveniste, por alguém que não podia ignorar o destino sofrido por aqueles a quem ele se referia como "os judeus" durante a guerra e que não ignorava a morte, nos campos de concentração, do irmão de Émile Benveniste, Henri, que foi pego na operação Vel d'hiv.

⁶ Sobre os Arquivos Benveniste, consultar "Les papiers d'Émile Benveniste", de Émilie Brunet, em Benveniste (2012, p. 175-180).

⁷ Gostaria de agradecer ao Sr. Jean-Claude Kuperminc, chefe da Biblioteca da IAU, ao Sr. Pierre Bismuth, chefe da Biblioteca do SIF, e ao Sr. Philippe Landau, chefe dos Arquivos do Consistório, pela generosa recepção.

COQUET, KRISTEVA, MALAMOUD, QUIGNARD, 2016), em sua abordagem, ilustra o movimento incessante de busca de novas informações.

Benveniste nunca falou publicamente sobre sua vida privada, como observa corretamente Moïnfar (1992). Ele não deixou anotações autobiográficas. Os raros vestígios podem ser encontrados em seus documentos de trabalho, em cadernos de estudantes que ele guardou e em anotações. Fenoglio, Coquet, Kristeva, Malamoud e Quignard (2016) apresentam alguns desses vestígios: um rascunho de cartas para seus pais, tentativas de assinaturas, um poema. Tudo isso indica a presença do pesquisador, do professor e do intelectual os quais não estão desvinculados do sujeito.

Por fim, gostaria de deixar claro que não estou buscando, nas páginas seguintes, escrever uma biografia de Benveniste. Quero usar os elementos de sua vida que podem ser objetivamente estabelecidos para refletir, com cautela, mas com interesse, sobre o que um nome representa. Como Ezra Benveniste se tornou Émile Benveniste, o único nome que se tornou público por meio de seus ensinamentos e textos. *Como* e não *por quê* é uma questão que ninguém pode responder, exceto evocando fatos externos que são apenas a ponta do iceberg de um porquê.

Antes de Paris: Ezra Benveniste

Émile Benveniste nasceu com o nome de Ezra Benveniste. Seu pai, Matatias Benvenisti, nasceu em fevereiro de 1868, em Esmirna (Turquia), uma próspera cidade do Império Otomano, descrita na época como "Pequena Paris" (hoje o maior porto da Turquia, com o nome de Izmir). Com esse nome Benvenisti, os arquivos da AIU mantêm, por um tempo, o nome do pai. Sua mãe, Marie Malkenson, nasceu em março de 1868 em Vilna, então parte do Império Russo (atualmente, Vilnius é a capital da Lituânia). Naquela época, a comunidade judaica representava metade da população dessa província russa e era a maior comunidade da cidade de Vilna. O nome da mãe de Benveniste era, portanto, Marie. De fato, ela está registrada na AIU com esse nome Marie (e não Maria, ou Meryem) e assim ela assinava suas cartas ao presidente.

Não é de surpreender que o nome Marie tenha sido escolhido por uma família judaica naquela época. Em sua recente biografia de Freud, Elisabeth Roudinesco menciona que o filho mais velho de Jacob Freud (o pai de Freud) se casou com "uma jovem de origem judaica,

Maria Rokach, cuja família veio da Rússia" e Freud tinha uma irmã, Maria (ROUDINESCO, 2014). O afrancesamento de Marie certamente vem da difusão e da influência da língua francesa no mundo russo naquela época, ou seja, no final do século XIX.

O pai e a mãe foram professores, empregados pela AIL. O que é a AIL? É necessário dizer algo sobre ela, já que a carreira de Émile Benveniste é tão marcada por essa associação.

Em 17 de maio de 1860, 17 jovens israelitas franceses se reuniram em Paris e fundaram a AIU por meio de um texto (escrito e assinado por 6 deles). O penúltimo parágrafo desse texto diz o seguinte⁸:

Se você acredita, finalmente, que a influência dos princípios de 89 é onipotente no mundo, que a lei que deriva deles é uma lei de justiça, que é de se esperar que seu espírito penetre em todos os lugares e que o exemplo de povos que desfrutam de absoluta igualdade de culto é uma força [...]

Uma das primeiras ações da *Alliance*, ao mesmo tempo em que lançou uma rede educacional para "dar acesso à cultura e à modernidade francesas", foi fundar uma biblioteca (que hoje é muito rica). A AIU abriu sua primeira escola em 1862 (no Marrocos, em Tétouan) e, em 1867, criou uma escola de formação de professores: a *École Normale Israélite Orientale* (Escola Normal Israelita Oriental) (ENIO)⁹, onde Matatias Benveniste aprendeu sua profissão. Ele foi, portanto, um dos primeiros alunos dessa escola, e permaneceu lá por três anos. Sabemos disso por meio de uma carta datada de 17 de fevereiro de 1888, na qual, de Esmirna, ele responde a uma carta da *Alliance*, que o incentiva a obter o *Brevet supérieur* (um certificado equivalente ao de Técnico Superior). Junto dessa carta havia um pacote de livros que o ajudariam a se preparar para as provas.

Acredito que essa feliz inspiração que a Alliance teve será muito útil para todos aqueles que, como eu, foram obrigados a deixar Paris em seu terceiro ano e, conseqüentemente, não puderam concluir seus estudos.¹⁰

A luta pela igualdade de direitos - não apenas para os judeus, mas para todas as minorias religiosas - era uma das prioridades da *Alliance*. Aos olhos de seus líderes, o acesso à cultura era uma condição *sine qua non* para a emancipação, e parte do processo de

⁸ Esse texto pode ser lido no site da AIU: <http://www.aiu.org/fr>

⁹ Emmanuel Levinas foi diretor da ENIO de 1945 a 1980.

¹⁰ Arquivos AIU, referência: FR_AIU_AH_TUR_E_929.2

"revivificação", um termo que deve ser tomado no sentido da época: "tornar os judeus cidadãos modernos e esclarecidos, em qualquer lugar do mundo".

Os valores e princípios declarados pela IAU à época são os mesmos de hoje: direitos humanos, solidariedade e tolerância, um judaísmo tradicional aberto ao mundo moderno, à influência francófona. De fato, todas as escolas da IAU ensinam na língua francesa, embora outros idiomas sejam ensinados (principalmente aqueles dos países onde as escolas estão localizadas), juntamente com o hebraico.

Depois de ter sido professor na *École Normale Israélite* (Escola Normal Israelita), em Paris, Matatias Benveniste lecionou em Esmirna, onde assumiu seu primeiro cargo¹¹, em 1887, (ele tinha 19 anos). Depois se tornou diretor em várias outras situações subsequentes (Andrinopla, Salônica, Caifa, Jaffa). Marie Malkenson começou a lecionar em 1895 (ela tinha 27 anos). Seu primeiro cargo foi em Caifa (hoje Haifa, em Israel), uma cidade, à época, sob o Império Otomano de Mehemet Ali (ou seja, sob a autoridade da província egípcia do Império Otomano). Ela foi imediatamente nomeada diretora de escola, cargo que sempre ocupou daí em diante. Como todos os professores na França naquela época, eles ensinavam todas as matérias na língua francesa: francês (caligrafia, gramática, textos), história, geografia e hebraico (nesse caso somente Marie). Eles também ensinavam história da religião, que era diferenciada da "história geral".

Matatias Benveniste e Marie Malkenson se casaram em 1900, provavelmente em Jaffa, onde Matatias estava lotado¹². Ambos tinham 32 anos de idade. É relevante seguir a trajetória profissional do casal nos diferentes cargos que exerceram. Em 1901, estiveram em Aleppo, à época sob o Império Otomano (administração egípcia de Mehemet Ali), mas, a partir de 1918, sob mandato francês. Nesse caso, apenas Matatias estava atuando, já que Marie estava ocupada com suas duas primeiras gestações. Em 1905, em Uskub, sob o Império Otomano, à época (hoje Skopje, capital da República da Macedônia). Em 1908, Monastir, uma cidade na Tunísia, à época sob colonização francesa. Em 1911, em Janina, à época ainda sob o Império Otomano, mas, que durante o qual, ficou sob a jurisdição grega (hoje Ioannina, a maior cidade de Épiro, na Grécia). Em 1913, estiveram em Samocoff (Bulgária).

¹¹ Carta datada de 26 de agosto de 1887, em Esmirna: "Sr. Presidente, estou em Esmirna desde a manhã de ontem [...]. Aqui os feriados começarão em breve e não assumirei meu posto até o dia seguinte às festividades de Sucot" (Arquivos da AIU, referência: FR_AIU_AH_TUR_E_929.2).

¹² Nos arquivos da AIU, há a data do casamento, mas não o lugar.

A trajetória termina nesse ponto, nos registros da AIU e na vida. Durante a permanência deles em Samocoff, a Primeira Guerra Mundial foi declarada, em 1914. Eles ficaram, nessa cidade, enquanto a guerra durou. Lá, Marie Benveniste faleceu no dia 21 de abril¹³ de 1919, depois de ficar doente, como vimos em um rascunho de uma carta de Benveniste. Portanto, ela viu e vivenciou todas as mudanças provocadas pela Primeira Guerra Mundial. Aparentemente, esse foi o último cargo de Matatias Benveniste na AIU. Após a guerra, a AIU saiu gradualmente da Turquia e dos Bálcãs, que antes faziam parte do Império Otomano.

Essa trajetória nos deixa estonteantes, não apenas por causa das mudanças, mas porque a cada vez somos obrigados a especificar uma mudança de nome, o que indica uma mudança de status geográfico e político. Também nos deixa a impressão de que nada é estável, nada externo à vida desse casal permaneceu inalterado no período entre o nascimento e o fim de suas vidas.

Ezra Benveniste nasceu em Aleppo em 27 de maio de 1902, em meio a esse turbilhão, no início das viagens do casal de professores. Seu pai já havia mudado seu nome de Benvenisti para Benveniste, ao que parece, antes de assumir seu primeiro cargo, talvez durante o período na ENIO. Ezra foi o segundo filho do casal, quando a mãe tinha 34 anos. Hillel nasceu, em Jaffa, em 1901, quando ela tinha 33 anos (à época, não era comum ter o primogênito nessa idade). Carmelia nasceu em 1904, em Aleppo. Não se sabe se Marie Benveniste esteve entusiasmada com suas três gestações. Em duas cartas, ela implorou ao presidente da AIU que não lhe desse classe *Asile* (ou seja, classes de pré-escola como hoje são conhecidas). Em uma carta, datada de 22 de abril de 1905, quando estava em Esmirna, ela disse¹⁴:

Quando você tem três filhos de quatro anos, todos eles alimentados e cuidados por você mesma, você fica um pouco cansada dessas criaturas encantadoras. Esse é o segundo motivo pelo qual estou lhe pedindo para não me colocar em classes infantis.

Ela acrescentou sua demonstração de interesse pela vida profissional em vez da doméstica (o que era, sem dúvida, ousado para a época), mas também marcou um acordo que estava começando a ficar difícil para o casal:

¹³ Sabemos disso através de uma carta de Matatias Benveniste, datada de 28 de maio de 1919, escrita em Samocoff, ao Presidente da IAU. Arquivos da AIU. Referência: AIU. BULGÁRIA XX E 143

¹⁴ Arquivos AIU, referência: FR_AIU_AH_TUR_E_928

Se o Sr. Benveniste lhe escrever dizendo que não quer que eu aceite o emprego em Esmirna, por favor, ignore-o. Ninguém me acusará de querer trabalhar para ganhar a vida honestamente.

As crianças, incluindo Ezra, estavam, então, submetidas a uma série de nomes de lugares e a uma multiplicidade de idiomas ao seu redor: russo, turco, árabe, hebraico (ensinado pela mãe) e francês. São histórias mistas, desde as mais antigas até as mais atuais, perceptíveis por meio de traços arqueológicos mistos. Nesse emaranhado agitado, havia algum espaço para estabilidade? A única área de estabilidade era o uso da língua francesa. Há um elemento objetivo extremamente importante aqui. Nesse ambiente multilíngue, o francês une as pessoas. O francês não era apenas a língua comum de comunicação da família, mas também a língua com o qual a família aprendia e vivia. O ensino da língua e da cultura francesa pagava, em franco, o salário dos pais¹⁵. Nesse contexto, a França parecia ser o único lugar estável para adquirir conhecimento, e mandar um filho para lá parecia a coisa mais lógica a se fazer.

Os registros da AIU mostram que, de 1911 a 1913, Ezra e Hillel Benveniste estavam matriculados em uma escola em Janina, onde seus pais estavam. Em 1912 e 1913, o pai se empenhou para que seus dois filhos prestassem os exames para entrar na "escola preparatória" (ou seja, a ENIO), embora não tivessem ainda atingido a "idade regulamentar". Quando lemos essas cartas repetidas e insistentes, podemos avaliar a determinação infalível desse pai em antecipar o futuro de seus filhos ou tirá-los do caos que estava começando a se instalar na região. De fato, logo, tudo seria virado de cabeça para baixo por causa da Primeira Guerra Mundial. Deve-se lembrar que Janina, que era uma cidade otomana, turca, tinha acabado de ser incorporada à Grécia: "Desde a ocupação grega, agradecemos aos dois professores turcos", escreveu Matatias à AIU¹⁶.

A carta de 8 de junho de 1913:

Senhor Presidente,

Tenho a alegria de lhe enviar, em separado, os testes de meus dois filhos que agora são candidatos à escola preparatória. Eu os apresentei ano passado e, embora, os testes não fossem tão ruins, eles foram rejeitados por causa da pouca idade. Este ano, estou tomando a liberdade de defender o caso deles novamente. Estou ciente de que eles são menores de idade. Mas o que eu pedi no ano passado e o que estou pedindo hoje é um favor excepcional, um sinal de boa vontade.

¹⁵ Os registros da AIU mostram os salários anuais iniciais e finais dos pais: 1.300 francos/5.900 francos para o pai, 1.600 francos/2.400 francos para a mãe.

¹⁶ Carta de 19 de maio de 1913, Arquivos AIU, referência: AIU. GRECE III E 34-47

Não quero elogiar meus filhos. Estou me referindo ao que disse sobre eles há um ano. E se, apesar de meus repetidos pedidos e do mérito de meus filhos, também não for possível para o senhor admiti-los este ano, gostaria de lhe fazer outra proposta: o senhor tem um certo número de bolsas para admissão no seminário. O senhor poderia me fazer o favor de concedê-las aos meus filhos, ou pelo menos a um deles? Eu estaria até mesmo disposto, dentro das minhas possibilidades e apesar das dificuldades financeiras que enfrento, a contribuir com a quantia que o senhor mesmo decidir. Eu ficaria feliz em me impor todos os tipos de novas privações para poder garantir o futuro de meus filhos.

Em tempo - Permita-me mais uma vez observar que minhas cartas continuam sem resposta, sem que eu entenda o motivo.

A isso se segue uma carta de 3 de julho, enviada de Janina, em que reclama da falta de resposta às suas cartas. Em 8 de agosto, uma nova carta, é enviada de Janina.

Senhor Presidente,

Gostaria de expressar respeitosamente minha surpresa com seu silêncio prolongado em relação a mim, cuja razão desconheço, apesar de minhas repetidas solicitações de explicações. [...]

Várias de minhas cartas até o momento ficaram sem resposta e, como resultado, vários pontos ainda estão pendentes: [...] há a questão do exame de admissão dos meus filhos seja na escola preparatória seja no seminário [...]

Uma nova carta é enviada em 22 de agosto de 1913:

Senhor Presidente

Como minhas repetidas reclamações não produziram nenhum resultado até agora, tenho o prazer de enviar-lhe, por carta registrada, cópias de todas as cartas que ficaram sem resposta. Não tenho palavras para lhe dizer, Sr. Presidente, o quanto minha autoestima está ferida por este silêncio prolongado e injustificado. Não vejo como eu poderia ter merecido tal exceção às regras da secretaria. [...]

Ainda estou lhe enviando, também por carta registrada, um segundo envelope contendo as provas que meus filhos tiveram que repetir no último concurso. Peço-lhe que me diga o que decidiu a respeito das propostas que tive a satisfação de lhe fazer sobre a candidatura deles.

No esboço da resposta da AIU, datado de 1 de setembro de 1913, vemos a seguinte resposta¹⁷:

Seus filhos. Eles são muito jovens para serem admitidos no exame.

De fato, se observarmos os registros dos candidatos para o concurso da "*École Normale* 1912, meninos", que podem ser encontrados no "Conjunto dos registros dos candidatos à ENIO acompanhados de certificados médicos de boa saúde"¹⁸, veremos que

¹⁷ O conjunto da correspondência se encontra nos arquivos AIU, referência: AIU. GRECE III E 34-47

¹⁸ Arquivos AIU, referência: FR_AIU_MOS_ENIO_2-01

Hillel e Ezra eram mais novos do que os outros candidatos entre quatro e seis anos. Em 1912, eles tinham 10 e 9 anos, respectivamente; em 1913, tinham 11 e 10 anos.

Le Professeur
A Janina le 3 juin 1912
Notes sur l'élève Benveniste Hillel

Mois et année de la naissance 21 février 1901
 État de fortune de ses parents Professeurs
 Sont-ils prêts à signer la déclaration ci-jointe? Oui
 Taille (en centimètres) 150 cm.
 Mesure (en centimètres) de la circonférence thoracique 76 cm.
 Santé très bonne
 Constitution très bonne
 Tue faible. (5/8 diopht.)
 Oue (sans défaut) sans défaut
 Voix très claire
 Prononciation (sans défaut) sans aucun défaut
 En général aucun défaut physique aucun, à part sa myopie
 Ya-t-il des maladies héréditaires dans la famille? lesquelles? non
 Date de l'entrée à l'école 1906
 Intelligence (appréciation générale, indiquer les parties spécialement faibles ou distinguées). Intelligence ouverte, saisit vite, retient, aime la lecture; un peu distrait, pas assez de confiance en soi.
 Aptitude et goût pour l'enseignement Il en aura peut-être.
 Caractère (appréciation en vue des difficultés que rencontrent les professeurs). très sensible, un peu nerveux, aime à rendre service, et se fait aimer.
 Moralité de l'élève et de sa famille très bonne
 Nombre de frères et de sœurs 1 frère et 1 sœur
 (mariés ou non) non mariés
 Nationalité ottomane

Janina, 3 de junho de 1912¹⁹

Anotações sobre o aluno Hillel Benveniste

Mês e ano de nascimento: 21 fevereiro 1901
 Profissão dos pais: professores
 Disponíveis para assinar a declaração em anexo? Sim
 Altura em centímetros: 1,50 cm
 Medida em centímetros da circunferência torácica: 76 cm

¹⁹ N.T. No original, alguns manuscritos são transcritos outros não. Essas anotações não são.

Saúde: muito boa

Formação: muito boa

Visão: fraca (5 ½ graus)

Audição: sem defeito

Voz: muito clara

Pronúncia: sem nenhum defeito

No geral algum defeito físico: sem nenhum defeito

Há doenças hereditárias na família? Quais?: não

Data de entrada na escola: 1906

Inteligência (apreciação geral, indicar especialmente aspectos fracos e destacáveis): inteligente, aberto, resposta rápida, atento, gosta de leitura, um pouco distraído, pouco confiante em si

Aptidão e gosto para o ensino: Parece que terá

Caráter (apreciação em vista das dificuldades dos professores): muito sensível, pouco nervoso, disponível a ajudar, é amável

Moral do aluno e da família: muito boa

Número de irmãos e irmãs: 1 irmão e 1 irmã

(Casados ou não): não casados

Nacionalidade: otomano

Le Professeur
Hammur

A Janina le 3 juin 1912

Notes sur l'élève Benveniste Ezra

Mois et année de la naissance 27 Mai 1902

Etat de fortune de ses parents Professeurs

Sont-ils prêts à signer la déclaration ci-jointe? Oui

Taille (en centimètres) 140 cm.

Mesure (en centimètres) de la circonférence thoracique 70 cm.

Santé très bonne

Constitution très bonne

Vue excellente

Ouïe (sans défaut) sans aucun défaut

Voix très nette

Prononciation (sans défaut) très correcte

En général aucun défaut physique aucun

Y a-t-il des maladies héréditaires dans la famille? lesquelles? Non

Date de l'entrée à l'école 1907

Intelligence (appréciation générale, indiquer les parties spécialement faibles ou distinguées) Intelligence vive; doué d'une mémoire étonnante, très sérieux pour son âge, très appliqué, réfléchi, saisit vite et retient ce qu'il apprend - dit beaucoup

Aptitude et goût pour l'enseignement Aimant l'étude, aura du goût pour l'enseignement

Caractère (appréciation en vue des difficultés que rencontrent les professeurs). Très doux, très complaisant, se fait aimer de ses maîtres et condisciples.

Moralité de l'élève et de sa famille } Très bonne

Nombre de frères et de sœurs 1 frère et 1 sœur

(mariés ou non) non mariés

Nationalité ottomane

Janina, 3 de junho de 1912

Anotações sobre o aluno Ezra Benveniste

Mês e ano de nascimento: 27 maio 1902

Profissão dos pais: professores

Disponíveis para assinar a declaração em anexo? Sim

Altura em centímetros: 1,40 cm

Medida em centímetros da circunferência torácica: 70 cm

Saúde: muito boa

Formação: muito boa

Visão: excelente

Audição: sem defeito

Voz: muito clara

Pronúncia: muito correta

No geral algum defeito físico: nenhum

Há doenças hereditárias na família? Quais?: não

Data de entrada na escola: 1907

Inteligência (apreciação geral, indicar especialmente aspectos fracos e destacáveis): inteligência notável, dotado de uma memória surpreendente, muito sério para sua idade, muito aplicado, reflete rápido sobre as questões e retém o que aprende, lê muito

Aptidão e gosto para o ensino: como gosta de estudar, terá gosto pelo ensino

Caráter (apreciação em vista das dificuldades dos professores): muito doce, complacente, é amado pelos professores e colegas

Moral do aluno e da família: muito boa

Número de irmãos e irmãs: 1 irmão e 1 irmã

(Casados ou não): não casados

Nacionalidade: otomano

É claro que, como o pai era o diretor da escola, as avaliações eram escritas por ele, mas é interessante ver a diferença entre as avaliações de Ezra e Hillel. Em relação a Hillel, o mais velho, o pai escreve: “inteligente, aberto, resposta rápida, atento, gosta de leitura, um pouco distraído, pouco confiante em si”, depois “muito sensível, pouco nervoso, disponível a ajudar, é amável”. A descrição de Ezra diz: inteligência notável, dotado de uma memória surpreendente, muito sério para sua idade, muito aplicado, reflete rápido sobre as questões e retém o que aprende, lê muito. Como gosta de estudar, terá gosto pelo ensino”. Sobre o caráter, ele acrescenta: “muito doce, complacente, amável com professores e colegas”.

Se havia apenas uma vaga, é claro que o pai parecia querer essa vaga para Ezra. Isso correspondia a uma precocidade real no gosto pelos estudos? Podemos supor que sim. Podemos ver, nessa retrospectiva, a atitude do pai como um desejo para o filho: Émile Benveniste o cumpriu em grande parte ao longo de sua vida.

Enquanto Matatias escrevia essas cartas, a mãe Marie Benveniste estava na Suíça. Uma carta de Matatias, datada de 24 de abril de 1913, para o Presidente da AIU nos deixa a par disso²⁰:

Os senhores se opõem à partida de minha esposa para Paris. Mas a carta dos senhores chegou a mim alguns dias após meu retorno de Preveza, onde fui acompanhá-la, aproveitando o feriado da Páscoa para facilitar seu embarque. Ela estava ansiosa para deixar Janina, pois sua condição exigia mais cuidado a cada dia [...]. Além disso, minha esposa pretende ficar em Paris apenas por um curto período. Ela planeja passar o verão em algum vilarejo da Suíça onde o isolamento e o ar revigorante das montanhas, espero, acalmarão um pouco seu nervosismo.

²⁰ Arquivos AIU, referência: AIU. GRECE III E 34-47

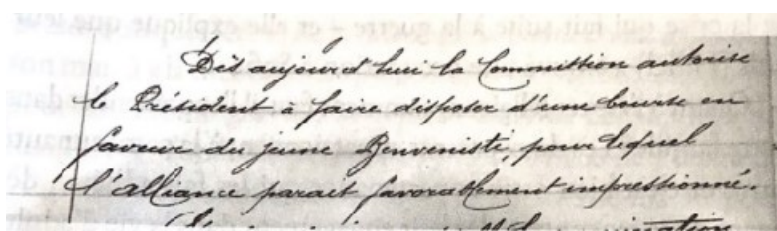
De qualquer modo, em novembro de 1913, Ezra Benveniste deixou o pai, o irmão e a irmã, saiu de Janina e chegou a Paris, no *petit seminaire* (escola secundária anterior ao seminário). Como ele chegou lá? Como ele finalmente foi admitido? Quem o acompanhou? Não há nada nos arquivos que ainda possa ser consultado para nos dar essas respostas. Podemos supor que, se o pai conseguiu que um dos filhos, Ezra, entrasse no seminário, a mãe, que estava na Suíça à época, deve tê-lo recebido e acompanhado até lá antes de voltar para o marido e os outros dois filhos.

Apenas Ezra foi conduzido à França em 1913, embora não fosse o mais velho. Parece que seus pais tinham um desejo educacional mais ambicioso para ele, um desejo de ser resgatado do marasmo financeiro contra o qual a família lutava e do caos político. As palavras do pai parecem indicar isso.

A insistência do pai conseguiu fazer que o "jovem Benveniste" fosse aceito pela AIU. Os arquivos do *Consistoire* (Consistório) conservam registros de "atas da comissão administrativa da *École Rabbinique* (Escola Rabínica)". Em um desses registros²¹, a ata da sessão de 14 de outubro de 1913, encontramos o seguinte relatório:

Foram feitas algumas observações sobre a troca de correspondência entre o Diretor e o Secretário da Alliance sobre a determinação e a alocação das bolsas. Dos 5 nomes propostos pelo Diretor, vários poderiam ser alvo de observações sobre as quais dificuldades já haviam sido levantadas em reuniões anteriores. Após uma discussão, foi decidido que o Diretor apresentaria na próxima reunião uma tabela completa das bolsas de estudo concedidas pelo *Consistoire* de Paris (Consistório de Paris), pela Alliance e pelo Barão de Rothschild. Ele também informará quais bolsas estão disponíveis e quais devem ser objeto de um concurso.

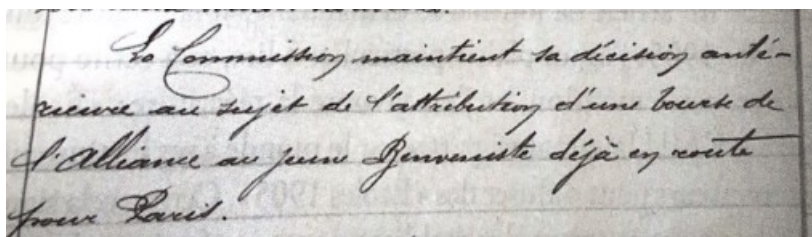
A partir de hoje, a comissão autoriza o Presidente a disponibilizar uma bolsa de estudos para o jovem Benveniste, que parece ter impressionado favoravelmente a Alliance.



Na sessão seguinte, no dia 04 de novembro de 2013, consta a manutenção dessa decisão:

A comissão mantém sua decisão anterior sobre a concessão de uma bolsa de estudos da Alliance para o jovem Benveniste, que já está a caminho de Paris.

²¹ Arquivos do Consistório, referência 4 B 5



Podemos imaginar a aflição desse menino, Ezra, deixado sozinho, longe da família, em outro mundo, muito diferente, aos 11 anos de idade, já separado da mãe por seis meses e vivenciado quatro mudanças, quatro cidades diferentes, entre o nascimento e a partida para Paris,

O irmão e a irmã ficaram em Samocoff com os pais e só foram para Paris depois da morte da mãe. Em uma carta de Marie Benveniste²², ela informou que a filha, Carmelia, estava "no internato francês" em Sofia, e, em outra carta, datada de 17 de março de 1919, ela expôs ao Presidente da AIU as dificuldades financeiras, por falta de recursos em Samocoff devido à crise pós-guerra, e contou que seu "filho [Hillel] havia encontrado um emprego em Sofia".

Quanto ao aspecto religioso, o que se pode dizer dessa família? Ambos os pais pertenciam à comunidade judaica cuja filiação os levou a participar do movimento da AIU antes mesmo de se conhecerem e depois que começaram a vida adulta e profissional. Os objetivos da AIU são mais culturais e educacionais do que estritamente religiosos. Nesse sentido, é muito interessante ver que a AIU, em seus arquivos, trata das "Écoles 1905 (Escolas 1905)" sob o título "Instituição"²³. Devo dizer que, enquanto escrevo estas linhas, em 2015, em Paris, onde toda semana lemos um artigo de jornal que pergunta se a lei de 1905 deve ser revisada, tenho um prazer especial em ler e escrever para referenciar esse fato, e gosto de reescrever "Écoles 1905". A AIU fazia seus professores percorrerem o mundo para divulgar as "Écoles 1905". É certo que isso significava o novo status dos estabelecimentos confessionais administrados pela França a partir da lei 1905 e, particularmente, marcava o fato de que esses estabelecimentos a partir de então precisavam levantar seus próprios recursos sem subsídios

²² Carta sem data, mas carimbada pela AIU com data de chegada em 16 de fevereiro de 1919. Arquivos da AIU, referência: AIU. BULGÁRIA XX E 143

²³ Na verdade, os registros da AIU também mencionam datas anteriores a 1905. "Escolas 1887-1892", por exemplo, para o primeiro posto de Matatias Benveniste.

estatais. Ainda acho significativo que esse nome pode ser encontrado hoje nos arquivos disponíveis no site da biblioteca da AIU.

Podemos inferir que a religião na vida familiar não deveria ser algo de controle rígido. Nem as muitas cartas do pai nem as da mãe para a AIU tocavam no assunto religião, nem mencionavam a necessidade de obediência aos ritos religiosos diários ou mesmo regulares. Apenas algumas cartas da mãe, que constantemente reclamava da "mentalidade excessivamente oriental" do marido (e às vezes, ao que parece, por motivos graves), mencionavam certos deveres morais aos quais ele não estava obedecendo. No entanto nunca foram de natureza religiosa. Por que, então, mandar o segundo filho para o seminário? Já vimos a resposta nas cartas do pai: o seminário é uma alternativa. O objetivo do pai visava a entrada na ENIO, a *École Normale Israélite*, que permitiu a ele mesmo estudar o suficiente para se tornar professor. Sem poder entrar em razão de sua pouca idade, Ezra foi aceito no *petit seminaire* com uma bolsa de estudos da AIU, mas ficou claro que seus pais não tinham nenhum desejo real de que ele se tornasse rabino.

Paris: Ezra entra no Seminário Israelita na França

Convém iniciar essa sessão com algumas palavras sobre esse Seminário. Por decreto de 21 de agosto de 1829, o *Consistoire central* (Consistório Central) fundou a *École centrale rabbinique* (Escola Central Rabina) cujos principais objetivos eram fornecer educação religiosa e leiga de alta qualidade para os alunos e treinar futuros rabinos para assumir seu papel pastoral em comunidades em plena evolução. Os riscos eram altos: desde a obtenção da cidadania, em 1791, e as decisões doutrinárias do *Grand Sanhédrin* (Grande Sinédrio) em 1807, os judeus estavam no caminho da emancipação. A cúpula dos consistórios queria conciliar o Código Civil com a lei judaica graças a rabinos educados para atender às demandas da sociedade. A *École rabbinique* (Escola Rabina) rompeu totalmente com a escola tradicional talmúdica (yeshiva) onde o ensino era exclusivamente religioso e na língua iídiche alsaciana. A partir de então, a língua francesa e seus autores clássicos, a matemática, a filosofia e a história passaram a ser ensinados juntamente com a Bíblia, o Talmude e o hebraico. De 1830 a 1859, a *École rabbinique* esteve sediada em Metz, mas com o crescimento da comunidade parisiense, decidiu-se transferi-la para a capital. A *École rabbinique* tornou-se o *Seminaire israélite* (Seminário Israelita) da França e logo foi estabelecida na rue Vauquelin, no *Quartier*

Latin. Exigia-se que os candidatos obtivessem o *baccalauréat* (um diploma do sistema de educação francesa, equivalente ao antigo vestibular).

Em 1905, a lei que estabeleceu a separação entre as religiões e o Estado aboliu a contribuição financeira estatal, mas o ensino ministrado no *Seminaire* permaneceu o mesmo. Além do Seminário propriamente dito, onde os principais acadêmicos judeus vindos da Sorbonne e da *École Normale Supérieure* (Escola Normal Superior) lecionavam (incluindo o arabista Joseph Derenbourg, o indianista Sylvain Lévi, o historiador Robert Anchel, o filósofo Emmanuel Levinas e o historiador Gérard Nahon), havia turmas primárias e secundárias abertas às crianças locais e até mesmo um internato para alguns alunos oriundos de classes menos favorecidas. Ezra Benveniste pertencia a essa última categoria.

Não conseguimos encontrar nenhum arquivo, nem mesmo administrativo, no *Seminaire* da rua Vauquelin. Aliás, o livro de Jules Bauer, *L'École rabbinique de France* (A escola rabina da França) (1830-1930)" (BAUER, 1930, p. 183-189) apresenta uma lista de "Alunos que estudaram na *L'École rabbinique de France*, mas Benveniste não é mencionado, na lista dos anos de 1913 a 1921. A lista inclui apenas os nomes dos alunos que concluíram seus estudos de rabinato, mas Benveniste não era um deles.

Não sabemos, portanto, como as coisas funcionaram para ele. Sabemos, graças a várias cartas de seus pais, que ele permaneceu lá até obter seu *baccalauréat*, em 1918, aos 16 anos. Uma carta de sua mãe, endereçada ao Secretário Geral do *Séminaire israélite* (Seminário Israelita), não datada, mas recebida pela AIU em fevereiro de 1919²⁴, relata as diversas dificuldades enfrentadas por essa família: financeiras (como veremos ainda, ambos os pais estavam sempre reivindicando salários atrasados, não pagos durante a guerra), mas, acima de tudo, de comunicação:

²⁴ Carta registrada em 16 de fevereiro de 1919, Arquivos AIU, referência BULGARIE XX E 143

14/1/

Monsieur le Secrétaire,

J'ai eu l'honneur de vous écrire à plusieurs reprises ces derniers mois-ci. L'absence de réponse me démontre que mes lettres ne vous ont pas parvenues, car je connais bien votre parfaite exactitude concernant la correspondance.

Je voudrais vous demander, Monsieur, si vous savez où se trouve actuellement l'élève Ezra Benamist jusqu'à l'été passé il était boursier de de l'Alliance. Mais ayant fini le Petit Séminaire et fait la seconde partie du baccalauréat, il s'est senti attiré vers les Lettres, au lieu d'entrer au Grand Séminaire.

Cette décision, de suivre la Faculté de Lettres, lui a valu la colère

de M^r B. Arié, économiste du Séminaire. Et dans sa dernière lettre, datée du 8 août, mon fils, Ezra Benamist, me dit que sa situation à l'école est intenable, qu'il cherche une occupation. Et au mois d'octobre il compte recevoir une place de répétiteur dans un lycée de la banlieue de Paris, où il sera logé et nourri, tout en ayant la possibilité de suivre les cours de la Sorbonne.

Mais depuis le mois d'été je n'ai eu aucune nouvelle de lui. Je ne connais donc pas son adresse. Et je suis obligée ainsi de vous le ranger bien malgré moi.

Ayez pitié, Monsieur, d'une mère qui souffre le martyre à cause du silence prolongé de son enfant. Dites-moi, je vous prie, où se trouve-t-il maintenant? Et vous ne connaissez

pas son adresse, veuillez, s'il vous plaît, prendre des renseignements chez Monsieur Ledernoff, avocat à la Cour d'Appel; il est son correspondant.

Vous avez été toujours bon envers moi, Monsieur. Soyez-le aussi cet enfant chéri. S'il a besoin d'argent, je vous prie de lui avancer la somme qu'il demandera. Vos conseils lui seront également précieux.

Veuillez, je vous prie, adresser la réponse à Sofia, à la Directrice du pensionnat Français, 63 rue Laschke, N° 3; ma fille étudie dans ce pensionnat. La Directrice de cet établissement, étant très aimable, me fera parvenir votre réponse. La poste de Samsoff ne reçoit pas de lettres de Paris.

Je vous prie, Monsieur,

d'excuser le dérangement que je vous occasionne.

Très affectueux, Monsieur le Secrétaire, avec mes remerciements l'expression de mes sentiments dévoués.

Mme Benamist

Sr. Secretário

Tive a satisfação de escrever para o senhor várias vezes nos últimos meses. A ausência de uma resposta me mostra que minhas cartas não chegaram até o senhor, pois conheço bem seu rigor em relação à correspondência.

Gostaria de perguntar-lhe, senhor, se sabe onde o estudante Ezra Benveniste está atualmente. Até o verão passado, [julho de 1918] ele era bolsista da Alliance. Mas depois de terminar o *petit séminaire* e se submeter à segunda face do *baccalauréat*, ele se sentiu atraído a estudar literatura em vez de entrar no Seminário.

Essa decisão de seguir a Faculdade de Letras provocou raiva no M. D. Arié, administrador do Seminário. E, em sua última carta, datada de 8 de agosto, meu filho Ezra Benveniste me disse que sua situação na escola era insustentável e que ele estava procurando um emprego. E, em outubro, ele esperava receber uma oferta de emprego como professor em um liceu nos arredores de Paris, onde teria alimentação e alojamento, sem deixar de assistir às aulas na Sorbonne.

Mas não tenho notícias dele desde agosto. Portanto, não sei seu endereço. Por isso, sou obrigada a incomodá-lo, contra minha vontade.

Tenha piedade, senhor, de uma mãe que está sofrendo um martírio por causa do silêncio prolongado de seu filho. Por favor, diga-me, onde ele está agora? Se não souber o endereço dele, pergunte ao senhor Tchernoff, advogado da *Cours d'appel* (Tribunal de segunda instância), que é seu correspondente.

Eu imploro, envie sua resposta para a diretora do internato francês, n. 3, rua Lavelée, Sofia. Minha filha está estudando lá. A diretora desse estabelecimento é muito gentil e me enviará sua resposta. A agência postal de Samocoff não recebe cartas de Paris.

Por favor, desculpe o incômodo que estou lhe causando.

Receba meus melhores cumprimentos

Marie Benveniste

É interessante observar a menção ao senhor Tchernoff, porque na coleção Benveniste da BnF²⁵ há uma nota datilografada desse advogado endereçada ao "Senhor, caro Ezra", datada de 29 de março de 1920, que diz o seguinte:

Caro Ezra,

Aqui está uma carta para você levar ao senhor Larsenne, alfaiate, rua da Boétie, n. 7, e encomendar um sobretudo e um terno ou dois ternos (um terno de inverno e um terno de meia estação, se desejar).

Saudações cordiais

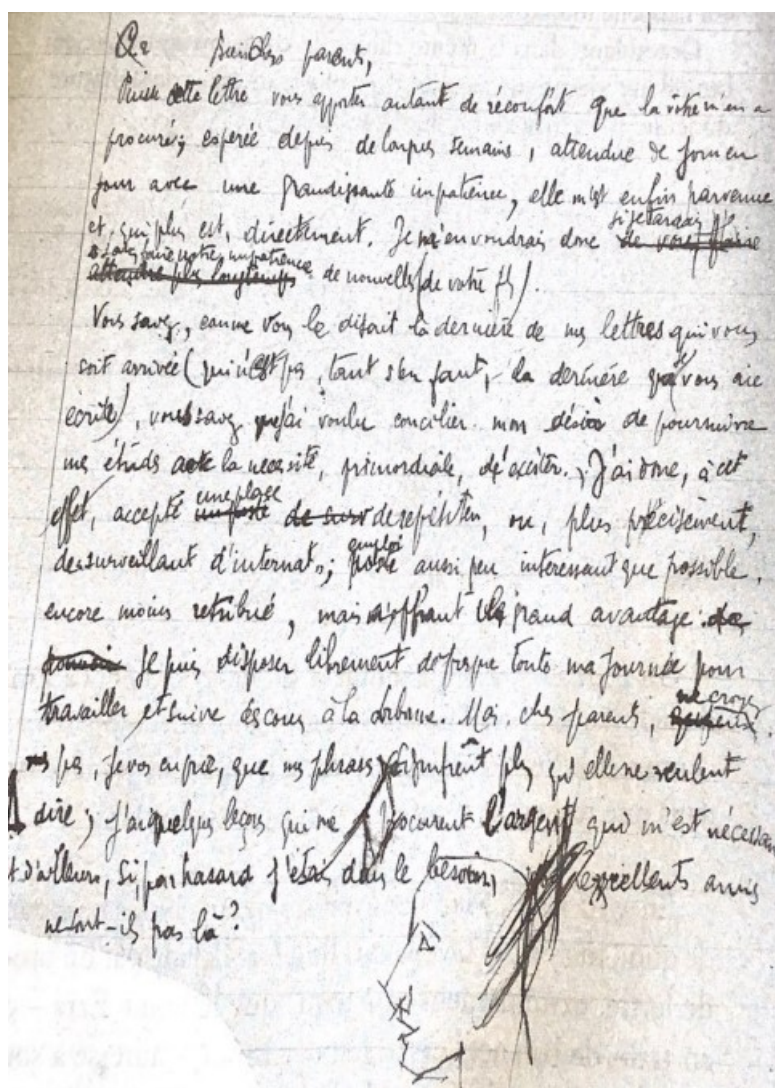
Assinatura manuscrita

A Sorbonne: Ezra se torna Émile

Ezra (seu nome ainda é Ezra) entrou na Sorbonne. As dificuldades de comunicação certamente impediram que várias cartas chegassem a seus destinatários, e, dada a carta angustiada da mãe, podemos imaginar que o rascunho de carta a seguir seja uma resposta a

²⁵ Departamento de manuscritos da BnF, Caixa 37, envelope 57, folha 40

uma que finalmente foi recebida. Ela pode ser posterior a fevereiro de 1919. Nós a encontramos na coleção Benveniste na BnF²⁶, dentro de um caderno. Infelizmente, esse rascunho muito comovente não está datado nem assinado, portanto não sabemos se Benveniste ainda era Ezra ou estava começando a ser Émile. No entanto, é muito provável que seja o rascunho da carta de 8 de agosto de 1918 mencionada pela mãe.



Cher parents,
 Que cette lettre vous apporte autant de réconfort que la vôtre m'en a
 procuré; espérée depuis de longues semaines, attendue de jour en
 jour avec une croissante impatience, elle m'est enfin parvenue,
 et, qui plus est, directement. Je n'aurais donc ~~de vous faire~~
~~attendre plus longtemps~~ de nouvelles de votre fils.
 Vous savez, comme vous le disais la dernière de mes lettres qui vous
 ont arrivée (qui n'est pas, tout s'en faut, la dernière que vous aie
 écrite), vous savez quel rôle jouait mon désir de pourvoir
 mes études avec la nécessité, primordiale, de scolarité. J'ai donc, à cet
 effet, accepté ~~un poste de sous-directeur~~ ^{un poste} de surveillant d'internat, ou, plus précisément,
 surveillant d'internat; poste aussi peu intéressant que possible,
 encore moins rétribué, mais offrant un grand avantage: de
~~dominer~~ je puis disposer librement de presque toute ma journée pour
 travailler et suivre des cours à la débâle. Mais, chers parents, ~~et croyez~~
~~moi~~ je vous assure, que mes phrases ~~signifient~~ ^{signifient} fils qui elle ne veulent
 dire; j'ai quelques livres qui me procurent l'argent qui m'est nécessaire
 d'ailleurs, si par hasard j'étais dans le besoin, mes excellents amis
 ne sont-ils pas là?

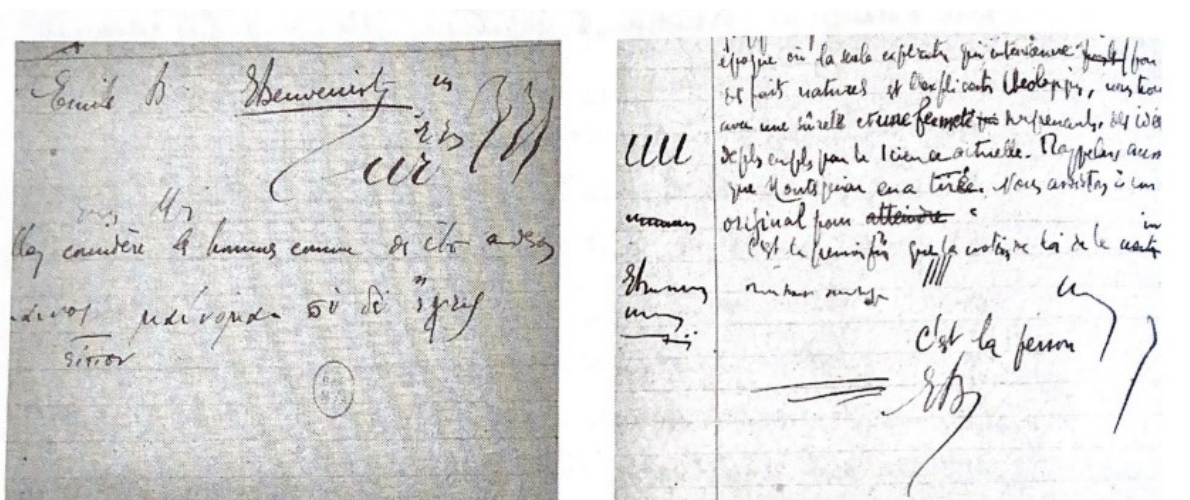
Queridos pais,

Que esta carta lhes traga tanto conforto quanto me trouxe a de vocês; esperada por muitas semanas, aguardada dia após dia com crescente impaciência, ela finalmente chegou a mim, e, o que é mais importante, diretamente. Portanto, eu <não> seria negligente ~~de vos fazer~~ esperarem <se eu demorasse> ~~esperar muito tempo~~ <para resolver a impaciência de vocês por notícias (de seu filho)>.

²⁶ Departamento de manuscritos da BnF, Caixa 36, envelope 56, folha 539 vº

O senhor e a senhora sabem, como disse na última carta que escrevi (que não foi, de forma alguma, a última que escrevi), que eu queria conciliar meu desejo de continuar meus estudos com a necessidade primordial de existir. Portanto, para esse fim, aceitei ~~um posto de sobre~~ uma vaga de repetidor, ou, mais precisamente, de "supervisor de internato"; uma posição tão desinteressante quanto possível, ainda mais mal remunerada, mas que oferece ~~o~~ a grande vantagem. ~~de poder~~ Eu posso dispor livremente de quase todo o meu dia para trabalhar e assistir às aulas na Sorbonne. Mas, queridos pais, ~~xx-pensem~~ <não creiam>, por favor, que minhas frases significam mais do que significam; tenho algumas aulas que me proporcionam o dinheiro de que preciso e, além disso, se por acaso eu precisasse, nossos excelentes amigos não estão aqui?

Entre seus excelentes amigos deve ter figurado o senhor Tchernoff, que sempre o chamava de Ezra. No entanto, no mesmo caderno onde se encontra esse rascunho de carta para seus pais, há várias tentativas do jovem Benveniste de assinar seu nome como Emile²⁷.



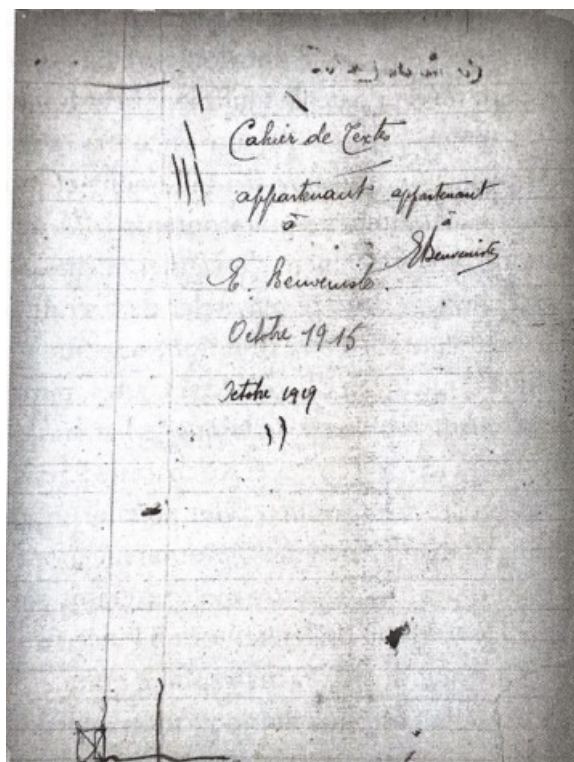
Podemos então datar o momento da passagem de Ezra para Émile. Visivelmente, trata-se de uma escolha que marca a sua decisão de não mais continuar o Seminário e de abandonar o estudo religioso para se lançar em uma pesquisa de ensino puramente laico.

Em abril de 1919, Marie Benveniste faleceu. Não sabemos de que, mas sabemos que ela estava doente por meio de um rascunho de carta, extremamente emocionante que o jovem Ezra – que está oscilando entre Ezra e Emile – escreveu para seu pai. Encontra-se também em um caderno nos arquivos do *Collège de France*²⁸, um caderno aberto em 1915 (nele, encontramos versões em grego e latim), e recuperado por Benveniste em 1919 para

²⁷ Departamento de manuscritos da BnF, Caixa 36, envelope 56, folhas 532, 543 vº, 573 vº

²⁸ Arquivos Benveniste do CDF, referência 28/16

anotar suas aulas da Sorbonne (encontramos nele anotações feitas nas aulas de Meillet sobre gramática comparada):



Observemos o “E. Benveniste” que o manuscrito não permite decidir entre Ezra e Emile. Voltaremos a esse ponto.

Meu querido pai,

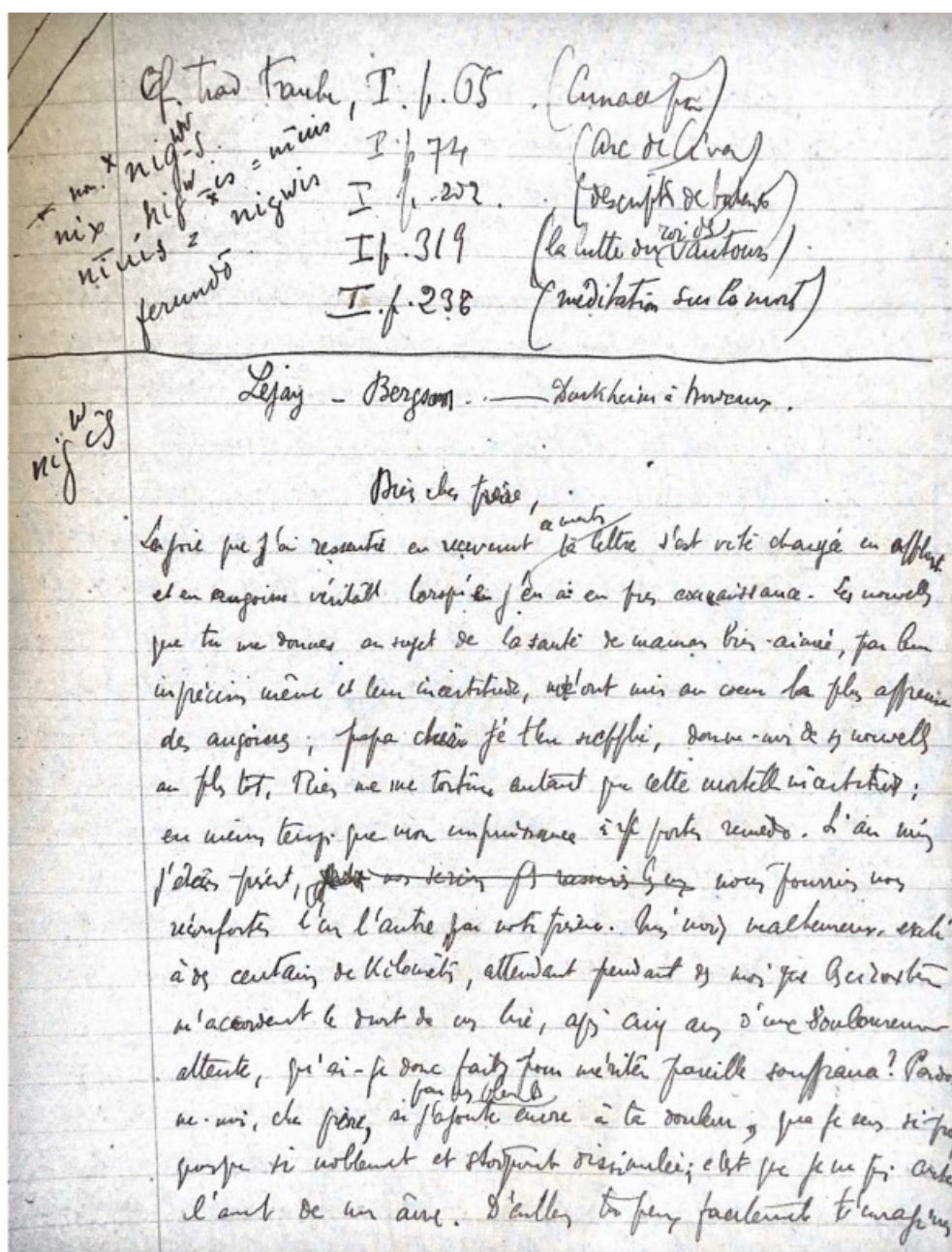
A alegria que senti ao receber sua carta esta manhã se transformou rapidamente em pânico e verdadeira ansiedade quando tomei conhecimento. As notícias que você me dá - a respeito da saúde da bem-amada mamãe, pela própria imprecisão e incerteza, colocaram a mais terrível angústia em meu coração, pai querido. Imploro, me dê notícias dela o mais rápido possível. Nada me tortura mais que essa incerteza mortal; ao mesmo tempo, a minha impotência de remediar a situação. Se ao menos eu estivesse presente [ilegível] poderíamos nos confortar um ao outro pela nossa presença. Contudo, eu exilado a centenas de quilômetros, esperando durante meses que as circunstâncias me deem o direito de ler vocês, depois de cinco anos de uma dolorosa espera, o que fiz, então, para merecer tal sofrimento? Perdoe-me querido pai se meu choro aumenta ainda mais sua dor, que sinto tão profunda, muito embora tão nobre e estoicamente dissimulada; é que não pude conter [ilegível] de minha alma. Além disso, você pode facilmente imaginar como isso é. Apesar de tudo, querido papai, eu quero te agradecer por não ter hesitado em me informar sobre a situação, por mais grave que seja, por mais dolorosa que possa ser. Certamente, a vida, ~~para mim~~, a vida, ~~até o momento, não me~~, como vivo [ilegível] não me proporcionou, até agora, seus sorrisos e seus encantos; ~~mas~~; creio que não sofri ainda o suficiente para poder suportar com alma serena um golpe como esse, mas saberei me mostrar homem.

Pelo amor de Deus, papai, me escreva, não tenha receio de me dizer francamente a verdade; eu prefiro tudo à incerteza na qual eu me encontro. ... Mas o que estou dizendo!... o discernimento me foge. Apesar de todos os esforços que faço para domar a minha angústia, ela insiste em permanecer [ilegível]

Ah, coitado pai, a vida tem sido bem cruel com você; você suou, trabalhou duro [ilegível] e estoicamente para que seu trabalho árduo pudesse nos poupar de necessidades e dificuldades e depois assegurar nossa educação e nossa instrução e eis o que o destino faz de seus sonhos <planos>: e no entanto você pagou bem caro o direito de formá-los!... {este paragrafo é posto entre colchetes com inscrição na margem "não copiado na minha carta"}

Eu rabisco essas linhas para você às pressas: O único interesse da minha carta é de acelerar sua resposta sobre o estado de saúde de mamãe. Eu aguardo...

P.S. Na pressa, esqueci de lhe informar que esta <semana> fui aprovado em licenciatura e ainda mais com a menção "Bom". A alegria em vão que esse êxito me proporciona foi em grande parte ofuscada.



[illegible]

Ele tinha quase 18 anos. Acabara de concluir sua licenciatura. A precocidade elogiada pelo pai ao presidente da AIU foi igualmente enaltecida.

A carta de Benveniste sugere que ele ficou cinco anos sem receber notícias. Pode-se presumir que se trata dos anos de guerra (1914-1918) durante os quais a troca de correspondência não era possível. Já havia uma solidão muito longa e total. O tom sugere que a carta do pai, em resposta, anuncia com palavras veladas a morte iminente da mãe, ou a morte propriamente dita.

É necessário observar que, muito embora, as circunstâncias estariam bem adequadas, nenhuma expressão de ordem religiosa aparece salvo talvez “por deus”, mas, que,

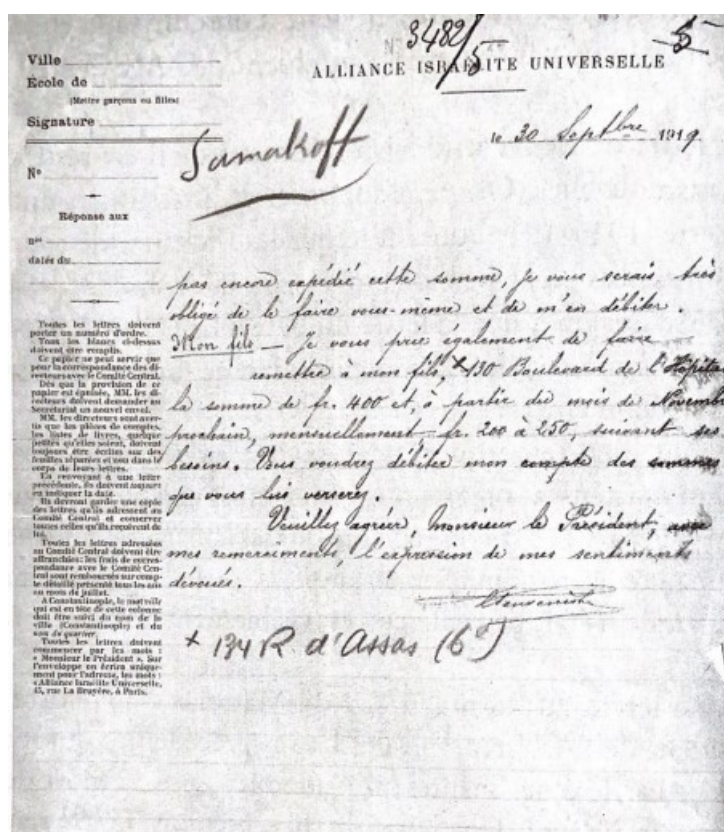
justamente, sem maiúscula, indica apenas uma expressão da linguagem do dia a dia. Ezra-Émile não era religioso e, visivelmente, tampouco sua família.

Uma carta de 28 de maio de 1919 de Matatias Benveniste ao presidente da AIU retoma cartas anteriores reivindicando salários atrasados. Nela anuncia também o falecimento de sua esposa em 21 de abril. Uma carta de 30 de setembro de 1919²⁹ reitera as mesmas solicitações e pede que essas somas sejam revertidas em benefício de seu filho Ezra):

« [...] |

Meu filho – Solicito também que entregue ao meu filho, 130 boulevard de l'Hôpital, a soma de fr. 400 e, a partir de novembro próximo fr. 200 a 250 mensalmente, de acordo com suas necessidades. Por favor, queira debitar da minha conta os valores que irá repassar para ele.

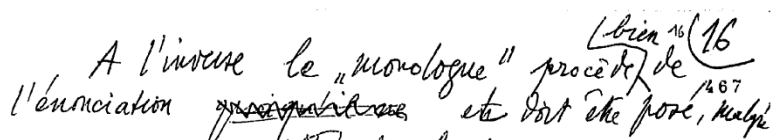
Fico-lhe agradecido, Senhor Presidente. Respeitosamente”



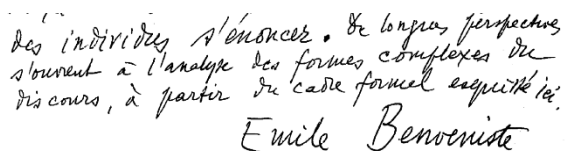
Durante esse período, Ezra tornou-se Emile. Bader (2009, p. 141) observa que “a forma do grande épsilon que Benveniste deu à inicial de seu nome, sem acento, e em razão de seu nome de nascimento [...] ter sido Ezra; e eu sei através de Georges Redard que Benveniste sempre rasurava o acento do “E” quando o via impresso em suas provas”.

²⁹ Arquivos AIU, referência AIU. BULGÁRIA XX E 143

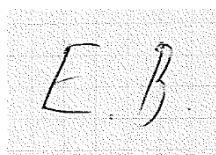
O “grande épsilon”, letra “E” em inicial caligrafada tal como se fazia na época não leva nunca o acento. Atualmente, o uso tipográfico requer que se coloque um acento sobre a inicial de Émile. Esse uso nem sempre prevaleceu (e, aliás, ainda não prevalece). Benveniste, rapidamente, assinou com um “E” maiúscula de imprensa. Inclusive, ele o faz em alguns rascunhos mais tardios do que essas cartas. Quanto à observação de Redard, deve ser confrontada com o fato de que Benveniste (muito rigoroso, ele não omite acento algum, mesmo em suas anotações mais rápidas) tampouco, utiliza nas iniciais usuais. Poderíamos dar muitos exemplos como o seguinte, tirado de um rascunho do artigo *L'appareil formel de l'énonciation* (O aparelho formal da enunciação)³⁰.



Nesse mesmo manuscrito³¹, dois elementos confirmam essa ausência de acento no nome.

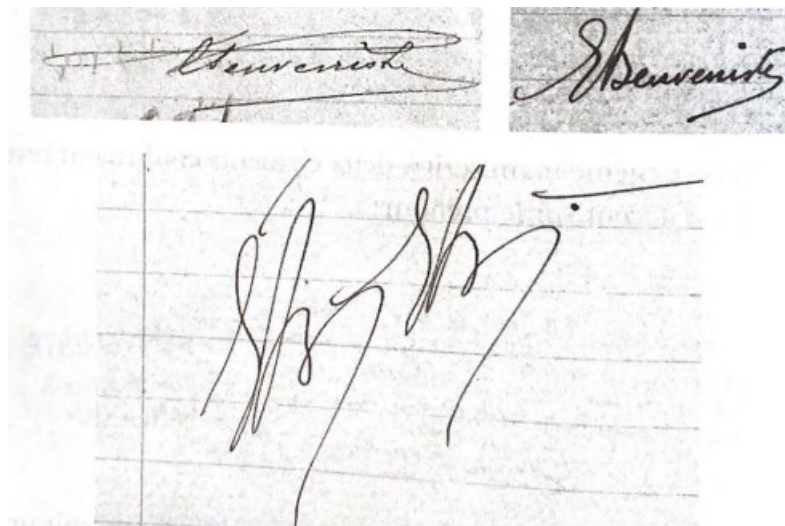
A inscrição do sobrenome no carimbo pode indicar seja uma conformidade com a ausência de acento nas maiúsculas, seja a vontade de Benveniste de não usar. O mesmo acontece com a assinatura do rascunho de “*Le langage et l'expérience humaine*” (Linguagem e a experiência humana).



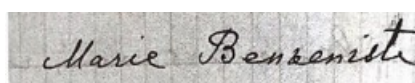
³⁰ Arquivos Benveniste de la BnF, código: Pap Or boîte 51, env. 198, respectivamente, f. 467

³¹ *Ibid.*, respectivamente f. 452 e 473

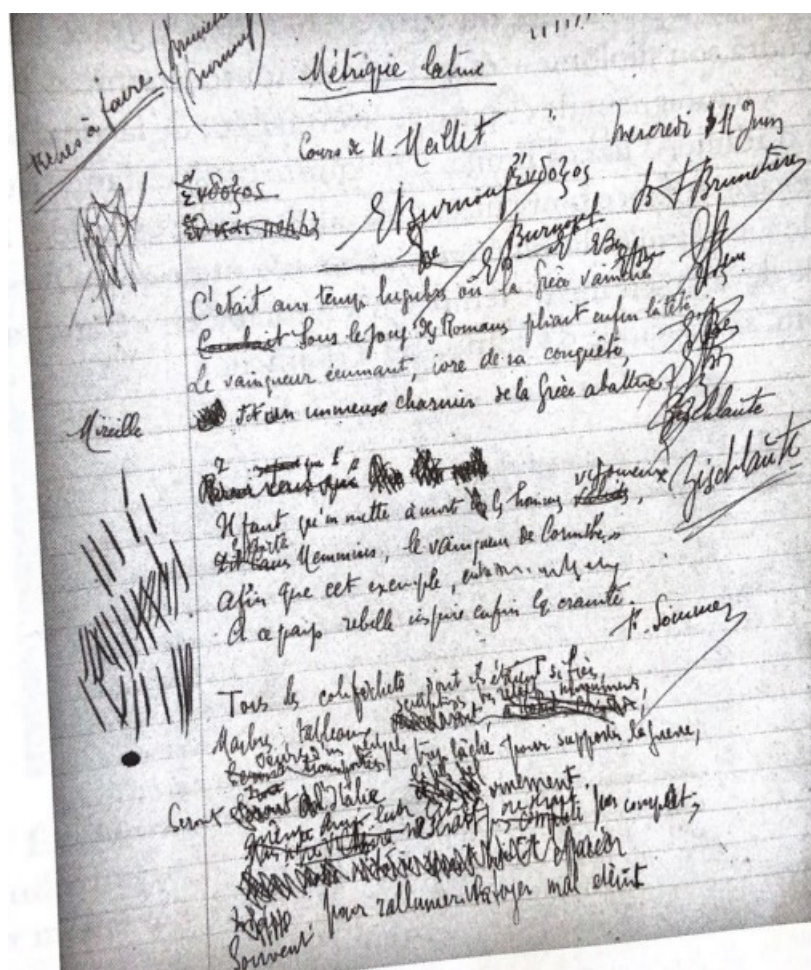
Em contrapartida, pode ser observado que a assinatura caligrafada de Emile Benveniste jovem, se assemelha muito mais à do pai, onde o nome nunca aparece, como se vê nas assinaturas de 1919.



No entanto, não se assemelha à assinatura da mãe, onde o nome está sempre com todas as letras.



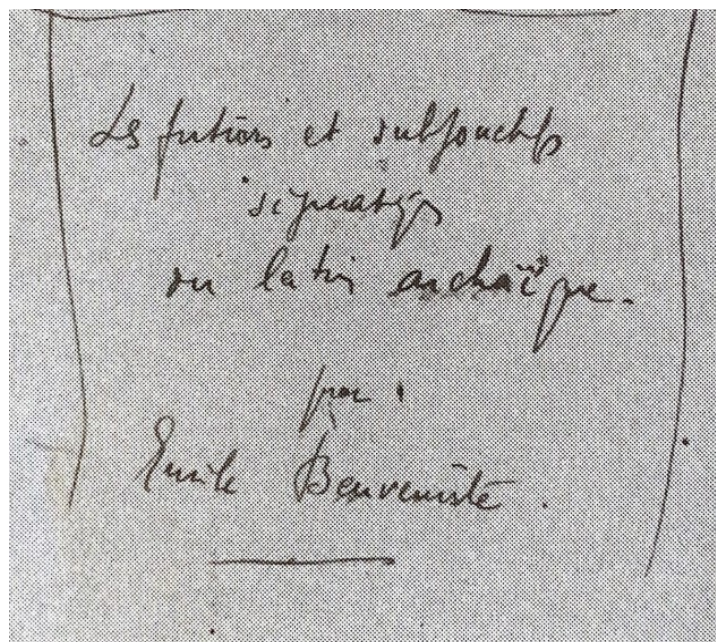
A página do caderno que segue é muito significativa: Benveniste, durante uma aula de Meillet, tenta várias assinaturas e não apenas as suas: podemos ver E. Burnouf – suas próprias iniciais – duas vezes e diversas outras que não têm nada a ver com as suas.

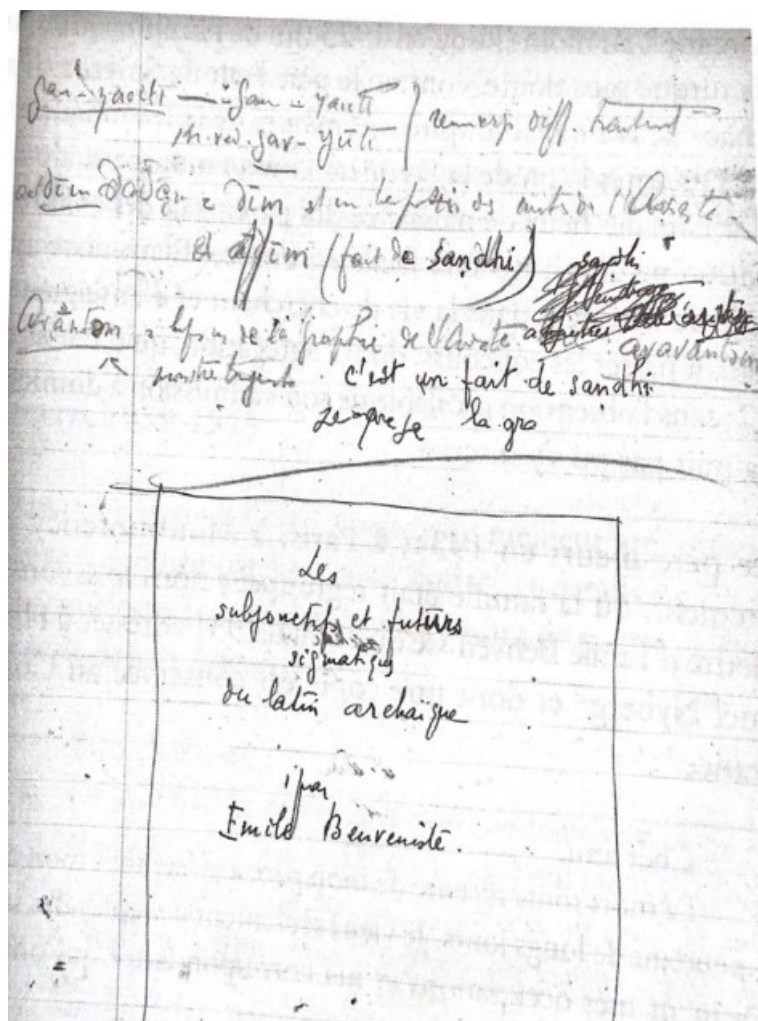


Olhando essa página, não se pode deixar de ver que Benveniste procura a si mesmo como autor. Apenas em 1920, ele se prepara para obtenção de seu diploma de ensino superior. Ele sabe, mediante isso, que vai ingressar, na sua vida profissional como pesquisador e futuro professor. Ele busca estabelecer seu nome como pesquisador. Não se trata de um momento trivial e pode-se qualificar esse momento de conscientização de uma passagem efetiva à vida adulta, à sua vida escolhida. Dois projetos de capa (nesse mesmo caderno no qual se encontram as tentativas de assinaturas) para a apresentação da Monografia “*Les futurs et subjonctifs sigmatiques du latin archaïque*” (Os futuros e os subjuntivos sigmáticos do latim arcaico) através do qual irá obter seu diploma – e que será sua primeira publicação³² - são um testemunho dessa transição irreversível: da vida de antes à vida adulta, de Ezra a Emile. Ezra deixa essa infância que pouco o poupou, infância

³² Essa monografia foi publicada no *Bulletin de la Société linguistique de Paris*, BSL n° 23, fasc. 1 (n° 70), Paris, 1922, p. 32-63.

tumultuada, e depois a adolescência solitária. Ezra deixa o sofrimento. Emile escolhe ser autor, ator daquilo que ele está se tornando, ao mesmo tempo em que ele antecipa, ao “afrancesar” seu nome, seu pedido de “naturalização”.





Émile nasceu ao mesmo tempo do seu engajamento nos estudos linguísticos. Portanto, bem antes de sua naturalização (1924), ao que parece, ao mesmo tempo da apresentação de um dossiê de “pedido de naturalização com direitos civis, primeira etapa rumo à naturalização, que lhe será concedida em 1921, e para a qual, na época, ele foi aconselhado a “afrancesar” os nomes. Esses procedimentos para a naturalização – que Émile teve que realizar com a ajuda de seu pai, que o acompanhou na França com seus outros dois filhos no final de 1919 – eram necessários por vários motivos. De fato, a família tinha a nacionalidade otomana³³ pelo menos até 1923 (fim do Império otomano) depois turca, sem dúvida, já que o pai era de Esmirna. No caos do final do Império Otomano e da reconfiguração dos Estados depois do final da Primeira Guerra Mundial além da diversidade dos locais de nascimento dos pais e das crianças, a situação não deve ter sido fácil na França. Tendo

³³ É essa nacionalidade que é inscrita nas fichas de inscrição nos concursos

decidido de se engajar na vida de pesquisador e de docente, Benveniste precisava passar nos concursos. Contudo, sem a obtenção prévia de sua “naturalização”, cuja homologação ocorreu em 1922, ele não poderia se inscrever.

O pai faleceu em 1931 em Paris, em Montmorency, mais precisamente, onde a família estava reunida. Soubemos disso mediante uma carta de Émile Benveniste de 16 de maio de 1931, endereçada a Henrik Samuel Nyberg³⁴ e cuja cópia está conservada no *Collège de France*³⁵:

Caro amigo,
A morte recente de meu pai interrompeu todo o meu trabalho durante muitos dias. Acabo de retomar seriamente meus afazeres e minha correspondência que sofreram um grande atraso [...]

A carta, enviada do endereço 11 square de Port-royal (13 Arrondissement), mostra, portanto, que Benveniste saiu rapidamente de Montmorency depois da morte de seu pai. Notemos mesmo assim que em Montmorency, a família Benveniste residia na avenue Émile (nº 12). Portanto, Ezra-Emile permanece nesse endereço da av. Émile desde a chegada de seu pai (e irmão e irmã) à França, após o falecimento de sua mãe até a morte de seu pai. Esse endereço “Émile”, fixado entre o falecimento de seus pais, no momento em que se engajava em suas pesquisas e em sua vida profissional, pôde – além da inicial “E” comum a Ezra – ajudá-lo a escolher seu nome.

A guerra 1939-1945

Em uma carta para Louis Renou, “o melhor amigo do grande linguista”, publicada por Bader (2009, p.139-158), e datada de 24 de agosto de 1939 – alguns dias antes da declaração da guerra-, Benveniste escreveu de Lucerna:

Caro amigo,
Do Alto Engadine, passando por três desfiladeiros em seguida, em meio à neblina, à neve, às rochas e um sol escaldante por vezes, passamos pelo solitário Vale de Avers onde, na última vez, exausto, dormi a 2000m. De Cresta, cachoeira no Ticino [...]
Continuei, portanto no caminho de volta e passei meus dois últimos dias em Lucerna [...]. Calma e solidez de uma cidade rica, onde nada ocorreu, onde nada acontecerá, jamais. Atravessamos bairros inteiros onde reina uma atmosfera 1900. Passamos por hotéis luxuosos nos quais apenas personagens de Paul Bourget podem viver. Na Suíça, nada dá sinais do

³⁴ Henrik Samuel Nyberg (1889-1974) é um linguista sueco, especialista em línguas iranianas

³⁵ Referência CDF 28/12

irrompimento da guerra, tão perceptível em nosso país. Tudo é tão bem organizado, tão longe de todos os problemas, no fundo tão estéril. Falta-lhes apenas um pouco de adubo”.

Em férias breves antes da catástrofe, antes do alistamento e do campo de prisioneiros, podemos ver um homem longe de seu escritório e de seus livros, saboreando a caminhada e a montanha, mas, ao mesmo tempo, exercendo seu olhar social implacável.

Redard (2012, p. 159) afirma que “sem dúvida alguma, ele se alistou desde o começo, contudo, não sabemos onde ele se encontra durante a “guerra bizarra”, nem quando a frente francesa é encurralada de Somme até Aisne (5-9 junho de 1940)”. Bader (2009, p. 155) também relata que Benveniste foi levado como prisioneiro “para Frontstalag 190, sob o nº 14.577 (o professor do *Collège de France* entrou na guerra como segundo soldado), desde 20 de junho de 1940 até sua fuga em 21 de novembro de 1941”.

Desde 1927, Benveniste foi diretor de estudos na *Ecole Pratique des Hautes Études* e, a partir de 1937, professor no *Collège de France* onde ocupou a cátedra de “Gramática comparada”. Nos dois casos, ele sucede a Antoine Meillet. Em 1939, portanto, ele é convocado, em seguida, feito prisioneiro, depois ele fugiu e foi para a Suíça graças ao Padre Jean de Menasce. Em outubro de 1940, foi obrigado a deixar seu cargo “pelo fato de pertencer ser judeu”, segundo os termos utilizados pelo governo de Vichy, liderado por Pétain, que exclui os Judeus da função pública.

Nos arquivos do *Collège de France*, nos papéis e nas anotações de trabalho manuscritos de Georges Redard utilizados para a preparação de sua biografia de Benveniste³⁶, encontram-se duas anotações importantes que eu gostaria de citar:

“Faral, adm. do C de F, para Benveniste na ocasião de sua 1ª licença: “O senhor não pertence mais a esta casa”

“É B vai ao *Collège de France*, para uma visita de cortesia a Edmond Faral, administrador na época. Faral: “Senhor, lembro-lhe que não tem mais nada a fazer nesta casa”.

Edmond Faral era administrador do *Collège de France* desde 1937. Era colega de Émile Benveniste e docente exatamente nas mesmas instituições³⁷. A brutalidade do conteúdo da

³⁶ Coleção Benveniste do *Collège de France*, cota 28/15

³⁷ Edmond Faral, (1882-1958), ex-aluno do ENS, professor associado de gramática, foi diretor de Estudos de literatura medieval desde 1920 na *École pratique des hautes études*. E desde 1924, professor de literatura medieval latina no *Collège de France*. Permaneceu, no entanto, como administrador do *Collège* até 1955!

nota assim como a repetição de Redard (como se ele não quisesse esquecer de mencionar o evento) deixam qualquer um sem palavras.

Em uma carta a Jean de Menasce, padre que o acolheu na Suíça, datada de 13 de maio de 1942³⁸, de Villeurbanne, Benveniste que estava ainda na França, clandestino, antes de sua ida para a Suíça, após sua fuga do campo onde estava preso, escreveu:

"Prezado Senhor,

Sua boa carta reascende em mim lembranças ainda vivas, porém já longínquas e que se relacionam com parte da minha vida que mal consigo retomar. Esses últimos anos me afastaram de tantas coisas e com tanta violência! Enfim, estou feliz por estar tão bem-informado sobre o trabalho que realiza, feliz também que as circunstâncias lhe permitiram dedicar todo o seu cuidado. [...] seu trabalho parece ser a contribuição mais aprofundada já feita para a interpretação da teologia mazdeana há muito tempo."

Uma outra carta ao Padre de Menasce, datada de 15 de dezembro de 1944 e escrita em Paris, mostra seu estado de espírito no início do pós-guerra e a maneira como ele se "fechou" no trabalho. Nesse interim, o Senhor tornou-se o amigo:

Caro amigo,

eu penso que minha carta anterior pela via, na realidade incerta, através da qual a enviei, tenha chegado. Em meio às dificuldades de toda ordem [...] eu não parei de pensar no senhor e nas nossas últimas conversas. [...] Por sinal, é necessário isolar-se para tirar de si a obsessão dos temas materiais onde as conversas fluem. [...] Mas ao mesmo tempo há uma grande fome pela leitura. Nos atiramos sobre todos os livros, que desaparecem imediatamente, porque isso também se tornou objeto de especulação e até as obras sobre o orientalismo. [...] no *Collège*, Maspero e Halbwachs deportados... »³⁹

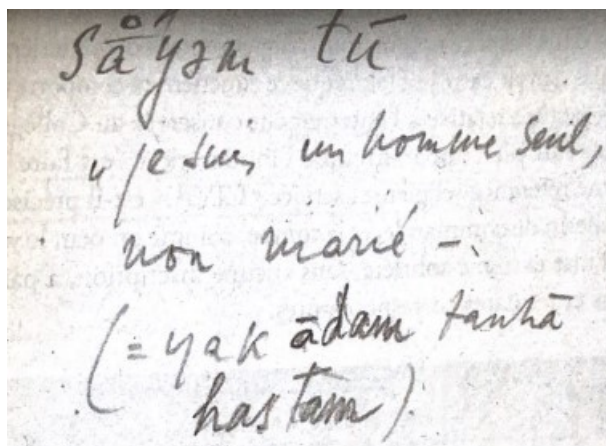
Émile Benveniste viveu toda sua vida na discrição, "inimigo de propaganda e de todas as falsas aparências" segundo a expressão de Georges Redard⁴⁰; o qual explicita que Benveniste havia sido condecorado como *Chevalier de la légion d'honneur* (Cavaleiro da Legião de Honra) em 16/03/1948 mas que "nunca usava as insígnias".

Emile Benveniste viveu solteiro toda sua vida e, com muita emoção, em um pequeno caderno de campo com capa vermelha, onde anota elementos da "língua Chitral falada por 4 ou 5 pessoas", em 25 de julho de 1947, podemos ler: "Eu sou um homem solitário, solteiro".

³⁸ Carta guardada na Coleção Menasce (cota 300) dos Arquivos da província dominicana da França, no Saulchoir, Paris.

³⁹ *Id.*

⁴⁰ Anotações preparatórias para a biografia de Émile Benveniste, Coleção Benveniste do *Collège de France*, CDF 28/15



De fato, trata-se de coletar dados linguísticos, mas mesmo que o interlocutor-informante de Benveniste tenha lhe perguntado sobre sua situação, ou que o próprio Benveniste tenha se apresentado, dessa forma, para iniciar uma compilação de tradução de expressões, permanece a emoção diante dessa página nesse caderno.

Uma morte Civil

Não vou retomar o assunto sobre o longo período trágico durante o qual Émile Benveniste permaneceu sobre um leito de hospital, imóvel e mudo, podendo ler, mas incapaz de se comunicar, ou com grande dificuldade e de forma tão parcial.

Ele morreu no dia 3 de outubro de 1976. Foi enterrado no dia 6 de outubro no cemitério *des Gonards*, cemitério do local onde ele faleceu. Sua irmã Carmelia Benveniste se encarrega dos procedimentos. Ela é indicada como “a pessoa que solicitou o serviço funerário” no “formulário de pedido” do serviço funerário⁴¹.

Émile Benveniste foi enterrado – assim como sua irmã – em um espaço do cemitério não demarcado religiosamente; não localizado na área judaica (embora esse cemitério dispõe de um). A fatura relativa ao enterro guardada no *Collège de France* mostra bem que o sepultamento foi realizado sem qualquer referência religiosa: serviço “CIVIL” conforme especificado no formulário de pedido, e o túmulo, como podemos ver⁴², é de extrema simplicidade, sem nenhuma inscrição fora os nomes e as datas correspondentes.

⁴¹ Arquivo Benveniste do *Collège de France*, CDF 28/12

⁴² Fotografia tirada no dia 9 de janeiro de 2015 (I. F.)



O túmulo é liso, sem palavra alguma de ordem ou de evocação para outra vida, a não ser aquela que ele viveu na terra para a ciência, para o pensamento.

Há um poema de Benveniste, escrito à mão, muito bonito, muito melancólico, que gostaria de reproduzir aqui. Encontra-se em uma caixa do *Collège de France*⁴³, em uma folha muito grande e com cabeçalho em língua iraniana, em meio a anotações sobre Mânî e o Maniqueísmo.

⁴³ CDF 28/18

موسوع نامه سیمیه مسئول پاکوس	 وزارت معارف و اوقاف و صنایع مستظرفه اداره	شماره عمومی شماره خصوصی جزوه دان پرونده
تاریخ خروج	تاریخ ثبت	تاریخ پاکوس

Height 0,34 0,31
 De l'annee / 0,13
 Largeur 5 lignes

ΤΩΝ ΑΝΩ
 ΥΠΟ ΧΘ

ΣΑΡΡΑΠΕΙΩΝ
 [4-5 lines] ΙΣΤΟΥΣ [3 lines] ΛΕΛΕΚΑΙΤΑ *

ΠΡΑΓΜΑΤΑ ΕΥΝΟΙΑ ΕΝΕΧ Ν
 ΚΑΙ ΤΗΣ ΕΙΣ ΑΥΤΟΝ ΕΞΕΡΓΕΣΙΑΣ

(1)

Height 0,017 0,017
 De l'annee / 0,13
 Largeur 5 lignes

ΤΩΝ ΑΝΩ
 ΥΠΟ ΧΘ

ΛΕΛΕΚΑΙΤΑ

La maison, que s'ait l'ou post. A neque per m'oult
 le mine s'oult s'oult, et plus, enque per m'oult
 les oult et les oult. Non le mine s'oult
 à l'oult, s'oult s'oult au s'oult
 s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult

L'oult s'oult au s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult
 s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult
 les oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult
 s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult
 s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult
 s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult
 s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult
 s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult
 s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult s'oult

Lar é de onde se vem. À medida que envelhecemos
 O mundo se torna mais estranho, e mais complicada ~~o desenho~~
 a trama dos mortos e dos vivos. Não o intenso momento
 Isolado, sem antes nem depois,
 Mas toda uma visa ardendo em cada instante.

O amor está mais próximo de sua essência
 Quando agora e aqui não mais ~~contam~~ importam.
 Os velhos deveriam ser exploradores,
 Aqui ou ali, ~~não contam~~, não interessam -
 Devemos sempre e sempre avançar
 Rumo à outra intensidade
 Para uma união nova, uma comunhão mais profunda,
 Através da frieza escura e, da desolação vazia,
 O grito das ondas, o grito do vento, as águas infinitas
 Do petrel e do boto.
 Em meu fim está meu princípio⁴⁴.

De início, pensei que se tratava de uma tradução de um Hino maniqueísta. Lembremos que Benveniste traduziu e publicou Hinos maniqueístas em uma edição da revista *Yggdrasill*⁴⁵. Contudo, os Hinos traduzidos e publicados, apresentados sob a forma de diálogos, são muito diferentes deste poema no qual os temas da água, do oceano são proeminentes. De fato, esse texto é a tradução do final de um poema de Thomas. Stearns. Eliot, intitulado “*East Coker*”, que faz parte do “Quatro quartetos”⁴⁶, longo poema enquadrado por “*In my beginning is my end*” (Em meu princípio está meu fim) logo no início e “*In my end is my beginning*” (Em meu fim está meu princípio) no final. Nesse final do poema de Eliot, Benveniste remove cinco versos (entre colchetes).

*Home is where one starts from. As we grow older
 The world becomes stranger, the pattern more complicated
 Of dead and living. Not the intense moment
 Isolated, with no before and after
 But a lifetime burning in every moment
 [And not the lifetime of one man only
 But of old stones that cannot be deciphered.
 There is a time for the evening under starlight,
 A time for the evening under lamplight
 (The evening with the photograph album).]*

⁴⁴ N.T. Optamos por traduzir o poema do manuscrito de Benveniste de forma a manter as rasuras feitas por ele. Apresentaremos mais adiante a tradução do Inglês para o português realizada por Junqueira (1981).

⁴⁵ « Hymes Manichéens », in *Yggdrasill*, bulletin mensuel de la poésie en France et à l'étranger, Paris, 25 Août 1937, p. 7-15.

⁴⁶ T. S. Eliot, *Poésie*, edição bilingue, tradução de Pierre Leyris, Paris, éd. du Seuil, 1947, p.182-184. A tradução de Benveniste difere muito da de Pierre Leyris.

*Love is most nearly itself
 When here and now cease to matter.
 Old man ought to be explorers
 Here and there does not matter
 We must be still and still moving
 Into another intensity
 For a further union, a deeper communion
 Through the dark cold and the empty desolation,
 The wave cry, the wind cry, the vast waters
 Of the petrel and the porpoise. In my end is my beginning.*

Lar é de onde se vem. À medida que envelhecemos
 O mundo se torna mais estranho, mais intrincada essa questão
 De distinguir mortos e vivos. Não o intenso momento
 Isolado, sem antes e depois,
 Mas toda uma vida ardendo e cada instante
 [E não a vida de um homem apenas
 Mas a de antigas pedras que não podem ser decifradas.
 Há um tempo para anoitecer à luz dos astros,
 Um tempo para anoitecer à luz das lâmpadas
 (Anoitecer com o álbum de fotografias).]
 O amor apenas a si próprio tangencia
 Quando agora e aqui não mais importam.
 Os velhos devem ser exploradores,
 Aqui ou ali, não interessa
 Devemos estar imóveis e contudo mover-nos
 Rumo à outra intensidade
 A uma união mais ampla, uma comunhão mais profunda
 Através da escura frieza e da vazia desolação,
 O grito da vaga, o grito do vento, as águas infinitas
 Da procelária e do delfim. Em meu fim está meu princípio⁴⁷ (Tradução de Junqueira, 1981)

Esse tema da água retomado nesse final de poema é muito presente nos escritos pessoais de Benveniste. Podemos nos referir ao texto "*L'eau virile*"⁴⁸ (A água viril) ou a dois fragmentos entre as anotações sobre o discurso poético⁴⁹ e a outro poema intitulado "*La pluie*"⁵⁰ (A chuva).

Que esse texto não seja de sua autoria, que seja uma tradução – direta, sem dúvida, dadas as correções –, não muda em nada o fato de ser significativo. Não tem nada a ver com a inscrição em grego que Benveniste tenta decifrar no topo da página – a menos que o verso "*But of old stones that cannot be deciphered*" (Mas o das pedras antigas que não podem ser

⁴⁷N.T. Mantivemos também os colchetes e o destaque no poema na versão em português como está na versão em francês.

⁴⁸ Texto publicado em apêndice por Bader (1999) e do qual Kristeva (2016) fala longamente.

⁴⁹ BnF, Pap Or DON 0429, env 20, f. 1 e 2, retomado no artigo de Fenoglio (2012) e por Coquet (2016).

⁵⁰ Arquivos Benveniste do *Collège de France*, referência CDF 28/18. Ver Coquet, Fenoglio, Testenoire (2015).

decifradas). que, na verdade, ele não traduziu faça essa ligação. Sua chegada à página reservada previamente a outra coisa constitui um indício do desejo de inscrevê-lo.

*

Benveniste não se “converteu” ao se tornar Émile, tampouco negou a sua história pessoal. Parece que permaneceu fiel ao conjunto de valores que predominavam na “Aliança” e que lhe foram transmitidos desde seu nascimento. Apenas poucas palavras poderiam resumi-los: aprender na e da alteridade. Ele escolheu a *Alliance* em vez do *Séminaire*. Ele deixou o comunitário e assumiu o universal do pensamento. Parece que sua escolha pela laicidade face à religião ocorre muito cedo. Ele deixou o círculo fechado de preparação para o rabinato, deixou a primazia da religião para fugir rumo ao avanço dinâmico do saber – jamais garantido, jamais adquirido, rumo à pesquisa infinita, às potencialidades mais complexas, rumo à criação livre e incerta por meio da escrita erudita. “O inconformismo é a condição da criação”, ele teria dito⁵¹.

REFERENCIAS

BARDE, Françoise. Une anamnèse littéraire d'E. Benveniste, *Incontri linguistici*, 22, 1999, p. 11-55.

BARDE, Françoise. Une lettre d'Émile Benveniste à Louis Renou. *Incontri linguistici*, 32, 2009, p. 139-158.

BAUER, Jules. **L'école rabbinique de France (1830-1930)**. Paris: PUF, 1930.

BENVENISTE, Emile. **Dernières leçons**. Collège de France (1968 et 1969). Texte établi par Jean-Claude Coquet et Irène Fenoglio. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012.

COQUET, Jean-Claude. À propos de l'écriture dans la phénoménologie du langage: Benveniste, Merleau-Ponty et quelques autres. In: FENOGLIO, Irène; COQUET, Jean-Claude; KRISTEVA, Julia; MALAMOUD, Charles; QUIGNARD, Pascal. **Autor d'Émile Benveniste**. Paris: Seuil, 2016, p. 59-98.

COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène; Testenoire. Le linguistique et le littéraire. Qu'apportent les manuscrits de linguistes? *Littérature*, n. 178, 2015, p. 39-54.

⁵¹ Citado por Georges Redard em suas notas preparatórios para a biografia de Benveniste (Arquivos do *Collège de France*, CDF 28/15).

FENOGLIO, Irène. Benveniste auteur d'une recherche inachevée sur le "discours poétique" et non d'un "Baudelaire". *Semen*, n. 33, 2012, p. 158-159.

FENOGLIO, Irène; COQUET, Jean-Claude; KRISTEVA, Julia; MALAMOUD, Charles; QUIGNARD, Pascal. **Autor d'Émile Benveniste**. Paris: Seuil, 2016.

JUNQUEIRA, Ivan. T. S. **Eliot Poesia** – Tradução, introdução e notas. Coleção Poiesis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

KRISTEVA, Julia. La linguistique, l'universel, et "le pauvre linguiste" In: FENOGLIO, Irène; COQUET, Jean-Claude; KRISTEVA, Julia; MALAMOUD, Charles; QUIGNARD, Pascal. **Autor d'Émile Benveniste**. Paris: Seuil, 2016, p. 97-151.

MARTINET, André. **Mémoires d'un linguiste**. Vivre les langues. Entretiens avec Georges Kassai. Paris : Quai Voltaire, 1993.

MILNER, Jean-Claude. **Le périple structural – figures et paradigme**. Paris : Seuil, 2002.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. **L'œuvre d'Émile Benveniste**, *Linx* n° 26, 1992, p. 15-26.

REDARD, Georges. Émile Benveniste (1902-1976). In: BENVENISTE, Emile. **Dernières leçons**. Collège de France (1968 et 1969). Texte édité par Jean-Claude Coquet et Irène Fenoglio. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012, p. 144-163.

ⁱ Diretora de pesquisa no CNRS, emérita desde fevereiro de 2017, à Paris (France). Coordenou a equipe Linguística no Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (ITEM). Após uma formação inicial em Filosofia e uma graduação em Árabe, ela dedicou seus trabalhos à linguística geral.

e-mail: fenoglio.irene@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-2236-4030>

ⁱⁱ Professora da Universidade Federal de Pernambuco-Departamento de Letras (Licenciatura em Língua Inglesa). Professora no Mestrado Profissional em Letras-Profletras da UFPE. Doutorado em Linguística pela UFPB e Pós-doutorado na UFC. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (GEPLA) e do Grupo Historicidade dos Textos e Ensino de Língua (HISTEL).

e-mail: fatihadpb@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5945-4029>.

ⁱⁱⁱ Professor de Linguística do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Letras, área de Filologia e Linguística Portuguesa.

e-mail: clemilton.pinheiro@ufrn.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4285-9932>

Recebido em 02/10/2023

Aprovado em 02/10/2023



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)